

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**RAFAELA DIAS PINTO
FELIPE TOSTES DIAS**

**CINEMA EM SETE CORES:
A HOMOSSEXUALIDADE NO CINEMA BRASILEIRO**

UFRJ/CFCH/ECO

Rio de Janeiro

2008

cinema^{em}



cores

Rafaela Dias Pinto
Felipe Tostes Dias

CINEMA EM SETE CORES: a homossexualidade no cinema brasileiro

Relatório técnico submetido à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo

Orientador: Prof. Dr. Fernando Salis
Co-orientador: Prof. Dr. Denílson Lopes

Rio de Janeiro

2008

Rafaela Dias Pinto
Felipe Tostes Dias

CINEMA EM SETE CORES: a homossexualidade no cinema brasileiro

Relatório técnico submetido à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Rio de Janeiro, 9 de julho de 2008

Prof. Dr. Fernando Salis, ECO/UFRJ

Prof. Dr. Denílson Lopes, ECO/UFRJ

Prof. Dr. Mauricio Lissovsky, ECO/UFRJ

Prof. Dr. Fernando Fragozo, ECO/UFRJ

Prof^a Dr^a Fátima Sobral Fernandes, ECO/UFRJ

À uma minoria que há anos luta por ser representada com dignidade, respeito e sensibilidade.

AGRADECIMENTOS

Aos nossos amigos e parceiros que nos ajudaram a concretizar esse projeto tão pessoal para nós. Aos professores Fernando Salis e Denílson Lopes, pela paciência e valiosa orientação à qual esperamos estar a altura. E finalmente aos nossos familiares pela compreensão e apoio.

“Seja quem você é, e diga o que você sente, porque os que se importam com isso não são importantes, e os que são realmente importantes, não se importam.”

(Dr. Seuss)

RESUMO

PINTO, Rafaela Dias; DIAS, Felipe Tostes. **Cinema em Sete Cores:** homossexualidade no cinema brasileiro. Relatório técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

Curta-metragem documentário, em que se traça um panorama sobre a forma como o cinema brasileiro retratou a personagem homossexual. Discussão sobre a existência de um cinema GLBT no país, suas origens, transformações e conseqüências. A importância da identificação do indivíduo com o personagem mostrado na tela e a necessidade de se ver representado de forma fidedigna à sua realidade. Através das entrevistas com atores, diretores e estudiosos, origina-se um debate sobre como se criou a noção popular de homossexualidade, seus preconceitos e o papel estereotipado em que o homossexual era permitido. Ilustração do travestimento nas “chanchadas”, como uma forma de trazer o assunto ao grande público; uso do lesbianismo como objeto de erotização, voltado para um público majoritariamente heterossexual masculino; a forte presença do gay no submundo da marginalidade e, finalmente, uma maior abertura para a humanização desses personagens, muitas vezes, tangenciando o politicamente correto, a partir de imagens de arquivo intercaladas com os depoimentos.

CINEMA, HOMOSSEXUALIDADE, PRECONCEITO.

ABSTRACT

PINTO, Rafaela Dias. DIAS, Felipe Tostes. Cinema em Sete Cores: homossexualidade no cinema brasileiro. Relatório técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio De Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

Short film documentary that draws a panoramic view of how Brazilian cinema portrayed the homosexual character. Debate on the existence of a gay cinema in the country, its origins, transformations and consequences. The relevance of the identification of the individual with the character showed on the screen and the need to have this representation in a way close to his reality. Through interviews with actors, directors and professors, they debate about how the popular notion of homosexuality was created, the prejudice, the stereotyped role that was permitted for gays. Illustration of the transvestite in the “chanchadas”, a way to bring the subject to a major audience, use of lesbianism as an object of erotization for the straight male public; the strong presence of the gay character in the underworld of marginality and, finally, a bigger breach for the humanization of those characters, most of the times in a politically correct way, with images of archive and testimonies.

CINEMA, HOMOSSEXUALITY, PREJUDICE.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Contexto do problema	10
1.2	Justificativa de produzir o audiovisual	17
1.3	Objetivo	19
1.4	Organização do Projeto	19
2	PRÉ-PRODUÇÃO	21
2.1	Pesquisa	21
2.2	Roteiro	23
2.3	Identidade Visual	23
2.4	Técnica e equipe	25
3	PRODUÇÃO	26
4	PÓS-PRODUÇÃO	31
4.1	Decupagem	31
4.2	Edição	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	37
	LISTA DE APÊNDICES	40

1 INTRODUÇÃO

O projeto surgiu a partir do interesse e curiosidade sobre a forma como o cinema brasileiro retratou a personagem homossexual. Após um longo processo de pesquisa, optou-se por fazer um documentário curta-metragem que abordasse questões relevantes desse assunto ainda pouco explorado, buscando traçar um panorama histórico, analisar as diferentes vertentes dentro dessa cinematografia e ressaltar a importância da identificação entre o indivíduo e suas representações dentro desse meio de comunicação, e conseqüentemente a criação da imagem estereotipada do gay em meio à sociedade.

1.1 Contexto do Problema

O termo homossexual se refere a uma prática física, estética, emocional e espiritual entre pessoas do mesmo sexo. Apesar de existir desde os primórdios, a definição só surgiu em 1869, pelo escritor e jornalista austro-húngaro Károly Mária Kertbeny. O fato de ter ganhado uma definição não significou uma maior aceitação, ou compreensão. Em 1870, Westphal, com o seu texto “As Sensações Sexuais Contrárias”, definiu a homossexualidade, em termos psiquiátricos, como um desvio sexual, uma inversão do masculino e do feminino. Homossexualidade passou a ser sinônimo de degeneração e logo surgiram leis que censuravam relações entre pessoas do mesmo sexo (WIKHOLM, 1998).

Os movimentos de liberação sexual do final da década de 60 surgiram com o termo *gay*, tentando apagar o teor pejorativo e psiquiátrico da palavra *homossexual*. Em 1969, grupos de militantes de Nova York travaram com a polícia uma resistência em relação aos abusos sofridos. Em Stonewall, a multidão que freqüentava o bar e seus arredores superou o contingente policial, exigindo respeito e abrindo precedentes para outras manifestações, como as Paradas Gays, que

ocorrem em diferentes cidades ao redor do mundo, e o Dia do Orgulho Gay, no dia 28 de junho, data do famoso incidente (WRIGHT, 1999).

Desde 1973, a homossexualidade deixou de ter o status de doença, ou distúrbio psiquiátrico, a exemplo da mudança do termo homossexualismo, considerado pejorativo pelo uso do sufixo “ismo”, que designa doença. Mesmo com todo o progresso, a sugestão de tratamento se perpetua até hoje. Em 2004, o deputado Édino Fonseca sugeriu que o governo pagasse pelo tratamento de homossexuais que voluntariamente procurassem se “curar”, embora, desde 1999, o Conselho Federal de Psicologia proíba a participação de psicólogos em programas que atuem na tentativa de reversão sexual (SOUZA, 2007).

No Brasil, os movimentos gays, lésbicos e transgênicos politicamente organizados surgiram na segunda metade da década de 70 do século passado, se sobressaindo com o fim da ditadura, período em que foram rejeitados tanto pela direita quanto pela esquerda. Os ataques vinham desde donas de casa preocupadas com a moral e os bons costumes até os revolucionários esquerdistas, que em atos como a peça “Arena contra Zumbi”, mostravam a fraqueza dos holandeses, com atores que os interpretavam de forma afeminada.

No âmbito do cinema mundial, imagens com algum caráter sugestivo são registradas desde 1895 em filmes mudos, a exemplo de “Edison and the Lamp”, onde dois homens dançam como um casal. Segundo Vito Russo (1987), a primeira categoria de personagem explicitamente gay de Hollywood teria sido a “Sissy”, caracterizada pela falta de apelo sexual, o que acabava ressaltando a masculinidade dos personagens (homens) heteros.

No Brasil, infelizmente não se pode dizer que ocorreu um movimento de cinema homossexual como o “New Queer Cinema”, nos Estados Unidos. O que ocorre é uma visão da heterossexualidade sobre a homossexualidade em diversos momentos da cinematografia brasileira, com filmes pontuais que se importaram realmente em abordar o tema de uma forma

mais profunda, mais humanista, menos preocupada em atender aos preconceitos da sociedade, e sim em desenvolver a sua obra, seus personagens, propondo debater, e não julgar. O período estudado (de 1940 a 2007) foi dividido em quatro etapas: as chanchadas, o cinema marginal, a pornochanchada e o cinema pós-retomada.

A narrativa do cinema ficcional procurou refletir a vida cotidiana da sociedade, incorporando seus valores e preconceitos. O Brasil não foi exceção, e assim como em Hollywood, os primeiros personagens homossexuais se enquadravam no estereótipo afeminado, buscando apenas o alívio cômico. Esta foi a época das chanchadas, tão populares nos anos 40 e 50 do século XX. Em diversos filmes, como “Carnaval no Fogo” (1949), de Watson Macedo, ou “Carnaval Atlântida” (1952), de José Carlos Burle, há um travestimento dos personagens de forma assexuada.

Devido a popularidade de Oscarito e Grande Otelo, a sociedade assistia aos dois vestidos de Helena de Tróia ou encenando Romeu e Julieta, sem rejeição. Para Luiz Carlos Lacerda, um dos entrevistados do filme, esse primeiro contato foi importante, pois como eram atores muito conhecidos em todas as classes, havia um consentimento inconsciente da homossexualidade. Foi uma forma de permitir uma primeira expressão gay “por debaixo dos panos”. Esse arquétipo era menos perturbador para o público em geral, pois sua sexualidade não estava em jogo. Em momento algum era sugerido que aqueles personagens fossem pessoas reais, com conflitos, sentimentos, vida amorosa e sexual, vítima de preconceitos exercidos por esses próprios espectadores. Não havia identificação entre personagem e público, embora alguns gays fossem e ainda sejam partidários do gay afeminado à omissão do personagem gay por completo.

Em contrapartida, muitos gays se sentiam e ainda se sentem inferiorizados, ridicularizados, e acreditam que esse tipo de representação apenas reforçava um preconceito já existente. O próprio diretor argumenta que apesar da importância das chanchadas, havia uma

necessidade do gay de se identificar com o personagem da tela sem que esse desejo homossexual fosse mascarado. A chanchada foi apenas o começo, a possibilidade de se confrontar pela primeira vez com sua imagem numa tela. Por mais que muitas vezes não fosse fidedigna, ela deixava de ser inexistente, e provocava uma sensação de conforto a partir da idéia de que não estava sozinho.

Desprezados pelo Cinema Novo, muito preocupado em representar classes sociais em seus personagens, homossexuais começaram a aparecer em mais evidência no cinema marginal brasileiro, mais interessado nos indivíduos. Uma nova geração de cineastas surgia, inspirada nos filmes B norte americanos, desvirtuando sua linguagem. Figuras do submundo tiveram a oportunidade de se tornarem personagens centrais, como a “bicha cabeleireira” freqüente nos salões burgueses, os travestis, as prostitutas e os cafetões. Uma estranha ligação entre homossexualidade e marginalidade foi se formando a partir da década de 60. (

Um estereótipo foi sendo criado, junto com o período que viria a seguir, da pornochanchada. Havia a possibilidade de identificação na questão sexual, e, em alguns filmes, afetiva também. Porém, um novo obstáculo surgiu, a associação à vida promíscua, a margem da sociedade, num submundo de drogas e prostituição. Jean Wyllys, um dos entrevistados, gay assumido, contou em seu depoimento que uma das grandes dificuldades de contar para sua mãe e ser aceito, foi desfazer essa imagem. Ao se ver nos desejos, na sexualidade, havia uma repulsa por aquele estilo de vida, e criou-se um tabu em nunca mostrar homossexuais como pessoas integradas dentro da sociedade, em relações estáveis, em profissões ditas “decentes” pelos parâmetros sociais.

Freqüentemente os gays apareciam em adaptações literárias, como em “O Beijo” (1965), de Flávio Tambellini, “Toda Nudez será castigada” (1973), de Arnaldo Jabor, e “Álbum de Família” (1981) de Braz Chediak, todos adaptados da obra de Nelson Rodrigues, ou “A Navalha

na Carne”, (1969) de Braz Chediak, e “Barrela: Escola de Crimes” (1990) de Marco Antônio Cury, da obra de Plínio Marcos. Outra forte presença homossexual foi em prisões e centros de detenção, como em “Pixote – a lei do mais fraco” (1981) de Hector Babendo, “Memórias do Cárcere” (1984) de Nelson Pereira dos Santos, e “Vera” (1987) de Sérgio Toledo. Quando dentro de uma diegese, e de forma bem aplicada, os gays fizeram parte de alguns dos melhores filmes brasileiros já feitos.

O mesmo não pode ser dito de uma representação recorrente da homossexualidade como sendo apenas uma etapa dentro da vida de seu protagonista. Esse artifício foi explorado algumas vezes no cinema marginal, onde o jovem do interior, sem dinheiro e sem trabalho, aceita fazer sexo em troca de benefícios, apenas para algumas cenas depois conseguir subir na vida e voltar com a mocinha da história. Os personagens gays eram retratados como homens mais velhos, que abusavam de menores, tidos como corruptores e depravados. Filmes como “André, a cara e a coragem” (1971), de Xavier de Oliveira, “Estranho Triângulo” (1970), de Pedro Camargo, e “A Morte Transparente” (1978) de Carlos Hugo Christensen, serviram para aumentar o preconceito e mostrar o gay como uma nova “ameaça”.

Uma forma diferente de introduzir o tema dentro da sociedade foi utilizar o sub-texto. Filmes como “O Menino e o vento” (1967) de Carlos Hugo Christensen, “Ao Sul do meu corpo” (1982), de Paulo César Saraceni, e “Aqueles Dois” (1985), de Sérgio Amon, não abordaram o tema diretamente, mas permitiu para os gays se identificarem de uma forma que não incomodava a quem não quisesse ver. Bastante criticada pela comunidade gay por não expressar tudo o que era necessário, foi uma alternativa de burlar a censura, moral ou governamental, da época. No caso, os três filmes citados têm seus méritos bons, seja na abordagem ou apenas como filme.

Pontualmente, o cinema marginal produziu verdadeiras obras primas com personagens gays. Talvez a maior tenha sido de um dos grandes expoentes do movimento marginal, Júlio

Bressane, que em 1969 fez “Matou a família e foi ao cinema”. Bastante experimental em sua linguagem, filmou o que possivelmente é a primeira relação entre duas de forma sexual e afetiva do cinema brasileiro. Da mesma forma, o *Veludo* de Emiliano Queiroz se tornou o primeiro personagem gay sexuado da cinematografia nacional quando, no mesmo ano, foi feito o já citado “*A Navalha na Carne*”, adaptação para a tela grande da peça, com elenco espetacular. A cena de sexo entre dois homens, nos seus primeiros 12 minutos em silêncio absoluto, é antológica.

Entre os transexuais, o mais marcante é “*Vera*”, que deu o Urso de Prata para Ana Beatriz Nogueira. Considerada erroneamente como lésbica por muitos, Vera é uma menina que se identifica com o gênero masculino e não aceita o próprio corpo, acha que tem algo errado com o seu sexo, que precisa ser consertado. Um filme muito intenso e que merecia o devido destaque dentro do cinema nacional.

Alguns filmes abordaram o tema de forma muito positiva, mas não conseguiram grande visibilidade dentro da cinematografia brasileira, como o caso de “*Os Imorais*” (1979), de Geraldo Vietri, e “*Amor Maldito*” (1984), de Adélia Sampaio. No primeiro, um cabeleireiro se apaixona pelo filho de uma das duas clientes, e ao tentar se aproximar dele, debate sobre sexualidade, a postura do homem, hetero e gay, na sociedade, e a origem do seu desejo e do preconceito do homem que ama. O segundo, um filme de tribunal baseado em fatos reais, Monique Lafond interpreta uma mulher que é acusada de matar sua ex-amante. Ambos os filmes vão muito além do que a maioria dos filmes haviam discutido até então, algumas vezes de forma até didática, mas ambos tiveram distribuições ruins e não conseguiram atingir um público relevante.

A pornochanchada, gênero muito popular na década de 1970 e 1980 que combinava elementos das chanchadas com altas doses de erotismo, poderia ter sido a grande chance das lésbicas “saírem do armário”. Em fim elas se tornaram presença constante nas telas, e

sobrepujaram o domínio masculino nas poucas representações homossexuais. Infelizmente não se tratavam de representações de caráter lésbico, já que o público alvo era masculino e heterossexual, comprovando o caráter machista da sociedade. Roteiro, direção, edição, todos os elementos focavam no que o homem gostaria de ver, em como ele se excitaria mais ao assistir duas mulheres juntas. Nesse momento, o cinema volta a reforçar a idéia da homossexualidade como uma etapa na vida da protagonista. O lesbianismo era apenas um estágio na história pela qual a mocinha passa para terminar com o seu homem. Além da falta de sutileza com a qual era inserida, normalmente a lésbica real da história, a que está corrompendo, se torna uma assassina, serial killer, o verdadeiro obstáculo a ser combatido. Um exemplo dessa representação pejorativa se encontra em “As Intimidades de Analu e Fernanda” (1980) de José Mizziara.

A própria figura feminina fica muito desgastada nessa época do cinema. A maioria das atrizes que trabalhou nesses filmes hoje prefere esconder isso nos currículos. Monique Lafond, em seu depoimento ao filme, disse que se pudesse, não teria feito “Giselle”, e revelou a tática que era utilizada por seus realizadores para convencer o elenco: não lhes entregavam o roteiro todo, para que não soubessem o conteúdo do filme. Curiosamente, seu personagem neste filme era o único que não se destacava pela promiscuidade, tinha preocupações sociais, e apenas sua personagem fez Giselle realmente se apaixonar. No meio do filme, a personagem de Monique é assassinada, fim bastante comum entre as lésbicas que ousavam ser afetivas e não apenas instrumentos sexuais. Prova disso é “Sofia e Anita, deliciosamente impuras”, onde a protagonista deixa um homem no altar para ficar com outra mulher e morre num acidente de carro. Filmes como esse deixam claros a falta de um cinema homossexual e sim um cinema heterossexual com permissões e regras de até onde os gays podiam ir.

No início dos anos 90, há uma parada geral da produção nacional com a “Era Collor” e o fim das leis de incentivo, da regulamentação do mercado e até mesmo dos órgãos encarregados

de produzir estatísticas sobre o cinema no Brasil. Na pós-retomada, que aconteceu por volta de 1995, a situação do homossexual muda drasticamente. Embalado pela repercussão nas novelas, por movimentos internacionais, e a própria organização do movimento GLBT, que passa a ser visto como mercado consumidor, o cinema reage produzindo mais filmes que pelo menos tangenciam o tema. Vindo do “*New Queer Cinema*”, onde trabalhou em filmes como “Poison” (1991) de Todd Haynes, Karim Ainoüz demorou anos, mas conseguiu fazer seu filme “Madame Satã”, sobre a mítica figura da Lapa. Tornou-se um sucesso no circuito de arte sendo visto por 163.161 espectadores e arrecadando mais de 1 milhão de reais além de ser aclamado pela crítica, ganhando 21 prêmios pelo mundo. (Filmes nacionais lançados de 1995 até 2004, Agência Nacional do Cinema)

O personagem homossexual também provou que não espanta o grande público, estando presente nos sucessos de bilheteria “A Partilha” (2001) de Daniel Filho, com 1.449.411 de expectadores e 8.797.925 de arrecadação, “Cazuza” (2004) de Sandra Werneck, com 3.082.522 de expectadores e 21.230.606 reais de arrecadação, e “Carandiru” (2003), de Hector Babenco, com 4.693.853 de expectadores e arrecadação recorde até então de 29.623.481, onde um dos principais atores “mainstream” do Brasil interpreta um travesti que se casa com outro homem na prisão. (Filmes brasileiros com mais de 500 mil espectadores 1970-2006, Agência Nacional do Cinema)

1.2 Justificativa de produzir o audiovisual

A deficiência na preservação da memória do cinema brasileiro é um dos incentivos para a escolha do tema. Diversos títulos que são abordados nunca foram remasterizados, não se encontram facilmente em boa qualidade, ou sequer existem mais. A censura também colaborou para essa perda. Diversos filmes foram mutilados, e em seus processos ainda constam pedaços de

negativos recortados de seus originais. Isso prejudica o uso da metodologia inicialmente adotada, por meio da qual se pretendia usar trechos de filmes para ilustrar as entrevistas e também para saciar a curiosidade do espectador.

Outro motivo é a falta de reconhecimento da cultura de uma minoria, no caso, os homossexuais. Mesmo os gays não conhecem sua história e não sabem como a sua sexualidade foi abordada pelos meios audiovisuais de seu próprio país. A trajetória desses filmes reflete a evolução do preconceito social ao qual foram submetidos, e como essa visão sobre essas personagens foi se modificando com o tempo, com a abertura e a liberdade de expressão, além de uma evolução em termos de aceitação da sociedade.

A escassez de produção de conhecimento nessa área faz com que este projeto seja de extrema relevância, não só como registro da memória da sociedade, mas, principalmente, porque propõe investigar temas ainda não abordados, e que necessitam de uma reflexão mais séria e aprofundada. Dois projetos foram fundamentais nessa área, tão logo serviram de referência para este estudo, mas que não tem a visibilidade que merecem. São eles, a saber: o livro “A personagem homossexual no cinema brasileiro”, de Antônio Moreno (2001), que serviu como um guia dentro da ampla cinematografia nacional para o nosso trabalho, e “Homossexualidade e Cinema Brasileiro”, programa feito para o Canal Brasil de Luiz Carlos Lacerda (2006), um breve panorama de algumas dessas obras.

A escolha pelo gênero documentário se deu pelo fato de ser o mais antigo gênero cinematográfico que se baseia nos aspectos da natureza e da vida humana, com o objetivo de não apenas informar, mas propor interpretações sociológicas e psicológicas, comentar, debater, questionar e principalmente acrescentar algo ao legado cultural de uma comunidade que vem crescendo e conquistando seus direitos em meio à sociedade. É importante ressaltar o gênero como forma de memória coletiva e sua importância no contexto histórico.

No caso do filme “Cinema em Sete Cores”, o formato escolhido possibilita contar uma história, introduzir ao espectador uma visão sobre a cultura a qual ele está inserido, e que talvez não consiga enxergar, não consegue perceber que muitas vezes apenas repetem trejeitos, atitudes e preconceitos que lhe que lhe impostos através dos meios de comunicação. E para aqueles que já estão cientes do tema, instigar o questionamento quanto a sua origem, desenvolvimento e conseqüências reais sobre nossa sociedade.

A voz em *off*, autoridade autoral, ou “voz de Deus” incorpórea, como é conhecida no meio midiático, foi substituída pelas vozes dos entrevistados em interação uns com os outros, entrelaçando seus discursos e potencializando reciprocamente suas opiniões, sendo elas de caráter similar ou não.

1.3 Objetivo

Neste projeto experimental, tem-se por objetivo produzir um audiovisual em que se trace um panorama da representação da personagem homossexual no cinema brasileiro, analisando a construção de estereótipos, a reafirmação de preconceitos e os efeitos que reverberam na sociedade, em que se ressalte a importância de identificação do indivíduo com aquilo que é mostrado na tela, desde sua construção e forma aos efeitos provocados, e em que se analise filmes que possuam uma proposta mais humanista em relação ao tema, em que contexto isso foi possível, perspectivas para a nova safra, e o que precisa e pode ser feito para melhorar essa representação.

1.4 Organização do Projeto

O relatório foi organizado a partir de uma introdução contendo contextualização do problema, justificativa, objetivo e organização do projeto.

Na segunda parte foi relatado como se deu o processo de pré-produção, que foi dividido em quatro etapas: pesquisa, roteiro, identidade visual e técnica e quipe.

O terceiro ponto a ser abordado foi a produção propriamente dita. Este tópico não foi dividido por se tratar somente do relato das gravações realizadas, seus problemas, e o conteúdo delas extraídos para o aproveitamento final do filme.

A quarta parte do trabalho desenvolve o processo de pós-produção, que foi dividido em decupagem e edição.

Ao final do relatório estão as considerações finais sobre o trabalho e suas etapas.

2 PRÉ-PRODUÇÃO

A pré-produção consistiu na pesquisa de livros e filmes que se enquadrassem no tema, elaboração do roteiro selecionando as questões a serem discutidas, desenvolvimento de uma identidade visual, a escolha dos equipamentos a serem utilizados e da equipe técnica.

2.1 Pesquisa

O livro de Antônio Moreno (2001), “A Personagem Homossexual no Cinema Brasileiro”, referência quando o assunto é cinema homossexual nacional, foi bastante útil no âmbito de conhecer os títulos, organizá-los por conteúdo, prioridade, e também o que esperar em termos de discurso e gestualidade, pejorativa ou não, através das representações desses personagens.

“Dos filmes vistos (67 títulos), podemos extrair algumas relações culturais e artísticas e fazer considerações sobre determinadas marcas específicas encontradas neles, tanto no discurso como na gestualidade. A maioria dos filmes, 62,68%, apresenta um enfoque pejorativo sobre o homossexualismo, e 43,30%, o conjunto de discurso pejorativo e gestualidade estereotipada. Estes filmes contribuíram para a formação de uma personagem-tipo do homossexual”.
(MORENO, 2001, p.280)

Além dessa fonte, devido à escassez de trabalhos nacionais que abordem o tema, foram consultados muitos documentários, textos e artigos internacionais, assim como arquivos dos documentos de censura, e sites especializados como o Mix Brasil. Por esses meios, outros títulos inéditos foram acrescentados à lista inicial elaborada por Moreno, como o filme de Ismar Porto “Condenadas pelo sexo” (1972). Além disso, como o livro de Moreno encerrou sua pesquisa de títulos com “Jenipapo” (1996), de Monique Gardenberg, uma atualização foi necessária, e a lista foi estendida para abrigar a cinematografia nacional até 2007.

Foram assistidos mais de 50 filmes entre sessões na videoteca do Centro Cultural Banco do Brasil, exibições do Canal Brasil e consultas do acervo particular de conhecidos.

A mudança no tratamento da personagem homossexual nesses últimos anos foi bastante significativa, merecendo destaque “Madame Satã” (2002), de Karim Ainoüz, “Cazuza” de Walter Carvalho e Sandra Werneck, que foi grande sucesso de crítica e campeão de bilheteria entre os filmes nacionais de 2004, e “Amores Possíveis” (2001), também de Sandra Werneck, que aborda o tema com delicadeza e autenticidade, quebrando o paradigma que havia sido estabelecido no cinema das décadas de 70 e 80 do século passado, onde tudo que o gay precisava para perceber o erro de sua sexualidade era encontrar a pessoa certa do sexo oposto.

Com a retomada da produção cinematográfica, na segunda metade da década de 90 do século anterior, as diferentes formas de abordagem começaram a se concretizar através de experimentações, mesmo no que se refere ao gestual dos personagens. Filmes como “Madame Satã” utilizam a “desmunhecação”, a afetação, não como uma forma de ridicularização, mas sim como meio de resistência à um padrão “bem comportado” do gay branco, de classe média, integrado na sociedade conservadora de consumo em que vivemos. Essas características do protagonista reafirmam a sua identidade, personificando sua libertação das barreiras sociais sobre ele impostas (LOPES, 2006, p. 386, 387).

Outras barreiras também foram questionadas pelo universo cinematográfico gay. São raros os casos de filmes nacionais que retratam relações monogâmicas estáveis entre casais do mesmo sexo, com um destaque particular para o sexo masculino. Isso não significa necessariamente rotular as relações como promíscuas, pois muitas vezes a intenção da obra é mostrar modelos alternativos aos da tradicional família monogâmica estável. Talvez o melhor exemplo seja o do filme “Leila Diniz” (1987), de Luiz Carlos Lacerda. A história verídica mostrava a indignação da sociedade, e principalmente dos meios de censura da época, em relação à proclamação do amor livre, seja ele entre heterossexuais ou homossexuais.

2.2 Roteiro

Com base na extensa pesquisa, uma primeira lista com possíveis entrevistados foi feita e incluía quarenta e sete (47) pessoas, entre atores, roteiristas, diretores, produtores, personalidades homossexuais assumidas, professores e militantes do movimento gay. (Anexo 3)

Em vista de fazer um documentário de longa-metragem que abordasse um número maior de questões, elaborou-se um primeiro roteiro (anexo 1) onde os blocos eram separados por temas, possíveis entrevistados, filmes relacionados e perguntas básicas. Neste momento, não foi estabelecido um limite de entrevistados e não se considerou eventuais empecilhos que poderiam restringir a produção, tais como falta de equipamentos, dificuldades de locomoção e impossibilidades de participação por variados motivos.

Tendo percebido tais percalços, foram necessárias várias revisões do roteiro até chegar na versão final (anexo 2), onde a proposta era de realizar um curta-metragem que abordasse os temas mais relevantes em vista das entrevistas agendadas.

2.3 Identidade Visual

Passada a etapa de pesquisa do conteúdo e definição do roteiro de perguntas e temas abordados, surgiu a necessidade de estabelecer uma identidade visual para o filme. Com a ajuda do designer Bruno Gaspar, foi estabelecido que o resultado deveria ser leve, remeter ao tema, evitando tanto a forma histriônica, como a amargurada, freqüentemente relacionada a homossexualidade. Foram geradas possibilidades de diferentes logos que pudessem traduzir a idéia do filme, optando-se pelo segundo, por ser mais simples e direto:

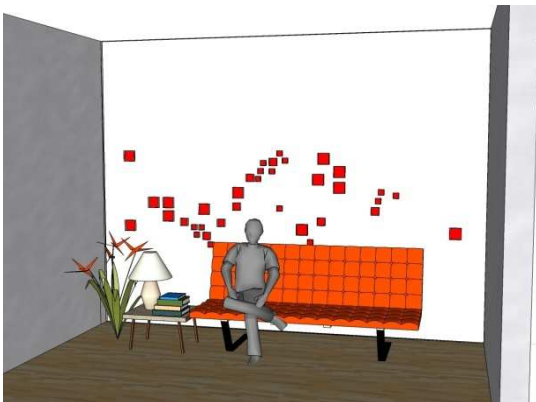


Logo 1. Processo de escolha.

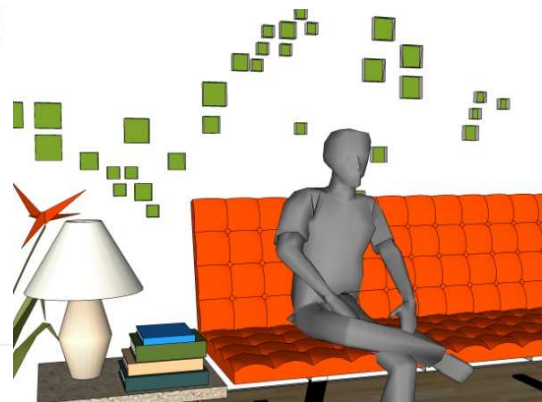


Logo 2. Versão final.

A segunda decisão em relação à estética do filme foi definir um fundo para as entrevistas que fossem feitas em estúdio na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Precisava ser um fundo fixo, mas móvel, uma vez que não poderia ser deixado na faculdade indefinidamente; teria que servir para diversos entrevistados, parecer diferente toda vez e ainda dialogar com o tema de alguma forma interessante. Camila Surloni, aluna de arquitetura da Universidade Federal Fluminense, elaborou um esquema que consistia em dois painéis: o primeiro teria pequenos quadrados vazados, mostrando o segundo painel, que consistia em painéis de TNT de sete (7) cores diferentes, remetendo ao arco-íris.



Teste de cenário 1.



Teste de cenário 2.

2.4 Técnica e Equipe

Com a estética pronta, optou-se por utilizar uma filmadora Sony DSR-PD 170, disponibilizada pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sempre em tripé. A fotografia, realizada por Raquel Gandra e Rafael Alves, planejava utilizar dois fresnéis e um soft, também emprestados pela faculdade, e junto a esses equipamentos foram comprados difusores, rebatedores e gelatinas, além de um HD externo de 300GB com a finalidade de armazenar o filme e possibilitar sua mobilidade com fins de edição em diferentes lugares.

A sonorização do filme foi realizada pelos alunos Pedro Rios Leão e Tamara Mattos da Cunha, e constava em um fone de ouvido e dois microfones direcionais: um para o entrevistador e outro para o entrevistado, facilitando o processo de decupagem e edição.

O local escolhido para realizar as entrevistas foi o estúdio de fotografia da Escola de Comunicação (ECO), pois proporcionava espaço suficiente para que o fundo proposto fosse montado a uma distância considerável da câmera e ainda contava com outros recursos de iluminação que foram muitas vezes utilizados quando algum dos equipamentos anteriores apresentava defeito ou já havia sido previamente reservado por outro grupo.

3 PRODUÇÃO

Após a realização de testes de iluminação e escolha do estabelecimento onde aconteceriam as entrevistas, a primeira entrevistada foi a jornalista crítica de cinema Andréa Ormond. Sua escolha se deu em função de seu blog “Estranho Encontro” com críticas e dicas de filmes brasileiros, além de entrevistas com atores, roteiristas e diretores, e que acabou se mostrando uma pessoa fundamental na execução do filme, pois forneceu filmes de seu acervo particular e alguns contatos para possíveis entrevistas. Esta entrevista transcorreu sem maiores problemas, a luz funcionou bem, os prazos foram cumpridos, e ela foi capaz de falar de diferentes temas inclusos no roteiro.

O segundo entrevistado foi o ator, roteirista, diretor e produtor Carlo Mossy. Essa entrevista foi mais focada na pornochanchada, gênero na qual o entrevistado se destacou. Sua realização foi um tanto complicada devido à problemas pessoais do entrevistado que provocaram o adiamento da mesma por duas vezes, quando a equipe já estava em estúdio, com todo o equipamento montado, pronta para gravar.

Foi uma das entrevistas mais difíceis já que o entrevistado tinha dificuldades em se ater ao tema e as perguntas propostas, isso quando não fugia ao tema por completo. Além de também interromper a gravação duas vezes para atender o celular. No entanto, o resultado acabou sendo produtivo em certas questões pontuais, e com o artifício da edição conseguiu-se extrair trechos interessantes para o filme, especialmente no âmbito das famosas comédias de costume brasileiras e seu caráter machista.

Em seguida, o diretor Luiz Carlos Lacerda deu seu depoimento. Era grande a expectativa em relação a ele, por ser uma das figuras públicas que mais defende os direitos dos homossexuais e por ter feito um programa sobre o mesmo tema para o Canal Brasil, intitulado

“Homossexualidade e Cinema Brasileiro” (2006), onde inclusive abordou temas e filmes em comum com o roteiro do projeto.

Bigode, como gosta de ser chamado, foi incisivo, com frases diretas, descontraídas, bem formuladas, com um bom efeito pro vídeo. Além disso, abordou questões interessantes, construindo boa parte do discurso proposto para o filme. O diretor citou diferentes filmes, sendo um dos poucos a comentar a origem da personagem gay, deu sua opinião em questões chaves e não teve medo de criticar filmes grandes que considerava pejorativos à imagem do homossexual.

A entrevista seguinte seguiu a mesma linha. O professor, autor e ex-Big Brother Jean Wyllys superou em muito as expectativas. Com bom domínio do seu discurso, foi fundamental em diversas questões e foi um grande acréscimo. Suas respostas, muitas vezes eram intimistas, permitiram ao filme alcançar um outro nível, mais pessoal, e essencial dentro da proposta de identificação.

Muitas vezes, Jean funcionou como a voz do narrador, pois assim como Bigode, produziram os discursos que mais se assemelhavam com àquele proposto no roteiro. Além de abordar bastante os tópicos relacionados à homossexualidade, sociedade, preconceito e cinema, ele ainda demonstrou boa cultura cinematográfica, citando filmes importantes e sempre fundamentando suas escolhas com argumentos sólidos. O único problema encontrado nessa entrevista foi a mudança de ambiente de filmagem, devido a disponibilidade de nosso entrevistado, e do estúdio de fotografia, o que resultou numa falha da iluminação do fundo.

O próximo entrevistado foi Antônio Moreno, professor de animação da UFF e autor do trabalho acadêmico pioneiro sobre a representação do gay no cinema brasileiro. Havia certa expectativa em relação a ele, devido ao seu provável repertório de filmes com temática gay, mas, infelizmente, Moreno não se lembrava tanto dos filmes, e era necessário instigá-lo muito, filme a

filme. A entrevista não fluiu como o esperado, e o próprio tom de voz do entrevistado, baixo e um pouco arrastado, acabou não funcionando muito bem no vídeo.

Outro problema foi a falta de equipe nesse dia, devido aos conflitos de horário disponíveis, o que resultou numa improvisação em relação ao áudio, com uma pessoa sem experiência. O som ficou um pouco baixo, e precisou ser corrigido na edição. No geral, a entrevista não foi tão eficiente quanto o esperado, mas ainda assim ele foi um dos poucos a abordar temas mais específicos, como a fase inicial do cinema gay e marcos como os filmes “A Navalha na Carne” de Braz Chediak e “Matou a família e foi ao cinema” de Júlio Bressane, ambos de 1969.

A entrevista seguinte foi chave para o desenrolar do projeto. Pela primeira vez um dos entrevistados não pode se deslocar até o estúdio onde se realizavam as entrevistas. A diretora e roteirista Sandra Werneck pediu para dar o seu depoimento em produtora, na Gávea. Por problemas físicos e de equipamento, pela primeira vez o cenário fixo e a iluminação previamente planejados, foram abandonados, pois se entendeu que o conteúdo era essencial e essa, sua única possibilidade de realização.

A partir daí, o cenário foi então deixado de lado, na tentativa de não destoar o depoimento da diretora das outras. Foi uma decisão difícil, mas permitiu uma mudança importante, abrindo o leque de opções de entrevistados, como foi o caso do diretor Karim Ainoüz. O depoimento em si foi curto e direto. Sandra falou pontualmente sobre seus filmes, o feedback que lhes proporcionaram, as perspectivas do tema dentro da safra de cinema atual, a necessidade de representações positivas e humanistas, e da importância da identificação com o que se vê na tela.

O próximo depoimento foi de André Fischer, criador de um dos principais portais de informações e cultura popular englobando os diversos setores que formam a comunidade Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transgêneros (GLBTT)T do Brasil, e também idealizador do

Festival Mix Brasil. No âmbito de produção e execução da gravação, essa foi uma das melhores entrevistas. O cenário utilizado, fundo infinito do estúdio de fotografia da Escola de Comunicação, funcionou muito bem, a luz foi muito bem trabalhada e o entrevistado parecia estar bastante a vontade.

O conteúdo acabou se desviando um pouco e focando na questão do Festival e na produção de curtas-metragens, o que não era o foco do roteiro. Porém surgiram momentos muito interessantes como a falta de identificação, mesmo em filmes com tratamento humanista, já que a maioria deles engloba travestis e transgêneros, grupos que o entrevistado considera estarem na mesma luta, mas com os quais não se identifica. André, que também é apresentador de um programa de curtas gays no Canal Brasil, mostrou boa cultura cinematográfica e falou sobre filmes a serem aprofundados no projeto.

Em seguida foi realizada a gravação do diretor Karim Ainoüz, foi o maior desafio logístico do projeto, pois ele se encontrava em São Paulo, no meio de uma filmagem. Foram dias de incerteza, com agendas difíceis de encaixar. Por fim, foi marcada uma (1) hora para montar o equipamento e fazer a entrevista. Como comparativo, as outras entrevistas duraram uma hora e dez minutos (1h10m) aproximadamente, sem contar o tempo para preparar o equipamento, contando com uma equipe de pelo menos quatro (4) ou cinco (5) pessoas.

Outro problema foi o aluguel de equipamento, já que o da faculdade não pode ser retirado. Além dos gastos extras, o tripé alugado estava quebrado, o que dificultou bastante as opções de enquadramento e seu manuseio durante a entrevista. Apesar dos problemas citados, a entrevista, mesmo curta, fluiu muito bem. O diretor fez comentários pertinentes, levantou questões, surpreendeu em algumas respostas, acrescentou em pontos ainda pouco explorados, além de falar sobre seus filmes e os de terceiros, e suas experiências.

Para fechar as gravações foram entrevistados dois atores: Anselmo Vasconcelos e Monique Lafond. Os dois também requisitaram que as gravações ocorressem perto de seus lugares de trabalho, ele na Barra da Tijuca, e ela em Copacabana, no Bairro Peixoto. Outra particularidade de ambas as entrevistas foi o fato da câmera Sony, usada nas entrevistas anteriores, ter quebrado, impossibilitando que o mesmo padrão de qualidade fosse mantido. Em seu lugar foi utilizada uma câmera JVC, disponibilizada, também, pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A entrevista com Anselmo parecia ter corrido bem, mas ao rever o material constatou-se que o cinegrafista Moacir, da Escola de Comunicação, não avisou a diretora, que no momento conduzia a entrevista, que o entrevistado estava se movendo de maneira a comprometer o áudio em diversos momentos da gravação. De resto, a entrevista correu como planejada, focando no filme “República dos Assassinos” (1979,) de Miguel Faria Jr., na qual o ator interpreta a travesti Eloína.

Já a atriz Monique Lafond comentou os três filmes da qual participou e que abordaram o tema de alguma maneira, sendo eles: “Giselle” (1980), “Amor Maldito” (1984), e “As Feras” (1995). Houve alguns problemas em relação ao áudio, que foram em sua maioria contornados na edição. A entrevista fluiu bem e foi relativamente curta já que a atriz não possui conhecimento dos outros filmes que integravam a filmografia desejada para o trabalho.

4 PÓS-PRODUÇÃO

Para esta etapa foi chamado o aluno de radialismo e editor Rodrigo Brazão, que por ter mais experiência e trabalhar como assistente de edição, além de possuir seu próprio equipamento em casa, foi de grande valia para o projeto. Antes mesmo que as gravações fossem encerradas, algumas das entrevistas já haviam sido decupadas com o objetivo de facilitar o processo de pós-produção, que seria curto, se comparado aos anteriores.

4.1 Decupagem

Após cada entrevista, era feita uma decupagem do material capturado, selecionando os trechos mais pertinentes e que contribuíssem para o discurso do filme. A partir disso, as cenas de diferentes títulos foram selecionadas, visando complementar o que havia sido dito pelos entrevistados, como a de “Pixote, a lei do mais fraco” (1981), de Hector Babenco, onde a personagem Lilica é obrigada a dançar para os policiais, e a de “Amores Possíveis” (2001), de Sandra Werneck, onde a personagem de Carolina Ferraz deseja que o ex-marido morra de Aids, ambas citadas pelo entrevistado Jean Wyllys.

Em seguida, buscou-se criar um diálogo entre os depoimentos, perceber onde eles se complementavam, ou contra-argumentavam, e com isso ir criando a linha narrativa dentro do documentário. Tentou-se seguir uma linha cronológica, embora a prioridade fosse acompanhar as diversas vertentes dentro do cinema brasileiro, mesmo que elas acontecessem concomitantemente.

4.2 Edição

Com o objetivo de fechar o filme com aproximadamente trinta e cinco (35) minutos, visando os possíveis festivais na qual o ele pode se encaixar, as entrevistas foram arrumadas por tópicos dentro de blocos que seguiam a ordem do roteiro, começando pela identificação do indivíduo com aquilo que é mostrado na tela, e finalizando com a perspectiva para o futuro, quanto ao tema e sua abordagem no meio cinematográfico.

O planejamento incluiu três edições com o objetivo de deixar a narrativa mais fluida e coesa. Primeiramente, os blocos foram montados e os discursos intercalados com o objetivo que a evolução dos temas se desse sem uma percepção brusca do espectador. Apesar de a edição ter feito a divisão dessa maneira, essa não é a intenção para com o filme. Foi simplesmente uma forma de organizar os tópicos e ligá-los sutilmente.

A introdução do filme contém trechos de dança de diversos títulos, abordados no trabalho, entrelaçados, tendo como pano de fundo a música “Ninguém vai tirar você de mim” de Roberto Carlos, que aparece no final do filme “Matou a família e foi ao cinema” (1969), de Júlio Bressane, um dos filmes de maior destaque do projeto. Em seguida, surge a logo do filme em preto-e-branco que aos poucos se torna colorida.

Terminada a introdução musical, entra o primeiro tópico: a importância da identificação do indivíduo com aquilo que é mostrado na tela, e sua importância para a formação do estereótipo dentro da sociedade e da própria comunidade gay. Em seguida, o roteiro traz a introdução da personagem homossexual no cinema, através dos travestis assexuados de Oscarito, Grande Otello e cia. Cenas desses filmes são então mescladas com trechos de entrevistas que abordaram o assunto.

Com a evolução do tema aparecem dois filmes que são considerados marcos desse cinema: “Navalha na Carne” e “Matou a família e foi ao cinema”, ambos de 1969, e temas centrais do bloco seguinte. Aqui também temos cenas dos dois filmes ilustrando os comentários que obtidos na fase de produção.

O tópico seguinte traz as pornochanchadas e o gay como personagem marginalizado, do submundo. O primeiro concentra na bicha estereotipada, afeminada, no lesbianismo como estímulo para uma platéia machista, e conta principalmente com o apoio do discurso de Carlo Mossy, e da atriz Monique Lafond. O segundo traz as imagens de filmes das décadas de setenta (70) e oitenta (80) do século passado, onde o gay aparece como oriundo de um mundo marginal, e aqui as imagens adquiridas servem para exemplificar e enfatizar os discursos propostos pelos entrevistados, terminando com o depoimento de Jean Wyllys que funcionou como uma ponte para o tema seguinte: a abordagem humanista do filme “Vera” (1987).

Depois do destaque dado ao filme previamente citado, vem o bloco de títulos com narrativas positivas, ou melhor, construtivas. Neste ponto foram inseridas cenas de filmes como “Amores Possíveis” (2001), “Madame Satã” (2002), e “Cazuza” (2004), sempre com o apoio dos depoimentos. E por fim, o bloco das previsões, das perspectivas para o futuro desse cinema: O que as pessoas gostariam de ver? O que falta ser feito? Entre outras questões interessantes quanto ao tema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar um filme como projeto final, ainda que um curta-metragem, é certamente um desafio, não importa o tempo que o aluno tenha de faculdade ou experiência profissional. Começando pelo próprio tema, polêmico em si, já ocasiona dificuldade quanto à aproximação de pessoas para colaborar com o projeto, seja como equipe, ou como entrevistado. Ainda existiram muitos desafios, como conseguir disponibilidade e compatibilidade de horário entre todos os envolvidos no processo, incluindo o deslocamento para outro estado, como foi o caso do diretor Karim Ainoüs, e por fim a dificuldade encontrada com o material próprio e o disponibilizado pela faculdade.

Partindo desse princípio, houve a necessidade de se improvisar e continuar o trabalho independente dos problemas que surgiam no caminho: o pano de fundo que não funcionou em algumas das entrevistas foi dispensado, possibilitando a ida à São Paulo, por exemplo. Também se constatou a importância de uma mesma equipe, já que os cinegrafistas disponibilizados não estavam em contato com a estética das filmagens anteriores, o que resultou em duas entrevistas discrepantes quanto à fotografia e o enquadramento.

Esses imprevistos geraram a questão do uso ou não de trechos interessantes que foram comprometidos ou pelo áudio ou pela qualidade da imagem. Por mais que na edição algumas delas pudessem ser sobrepostas com imagens de arquivo dos filmes mencionados, quando o áudio estava comprometido, sua utilização se tornou questionável. Em determinado momento, mais especificamente durante o depoimento do ator Anselmo Vasconcelos, encontrou-se grande dificuldade de limpar ou até mesmo ignorar os barulhos no microfone provocados pelo próprio ator, que só foram reportados à diretora após a entrevista. No entanto, no processo de edição, percebeu-se que o conteúdo do filme era mais importante, como no momento em que Anselmo

descreve o beijo do filme “República dos Assassinos” de Miguel Faria Jr. (1979). Não utilizar essa cena seria perder um dos momentos mais interessantes e inesperados de um filme como esse.

Foi interessante perceber como algumas das perguntas propostas surpreendiam os entrevistados, que muitas vezes não tinham parado para refletir sobre o assunto, ou provocavam uma discussão não-levantada durante a fase de pré-produção. Alguns exemplos são: Karim Ainoüz intrigado com a falta de um “*Queer Cinema*” no Brasil, Jean Wyllys em relação ao porque do desaparecimento das lésbicas das produções nacionais atuais, ou seu *insight* na relação pais e filhos, Luiz Carlos Lacerda ao contar sobre o forte preconceito ainda presente nas comissões que escolhem os filmes a serem financiados, André Fischer afirmando que mesmo os filmes humanistas não o representam já que são quase todos sobre travestis e transexuais e Sandra Werneck comentando o grande feedback de jovens gays que obteve com seu filme “Amores Possíveis” (2001). Infelizmente nem todas as novas questões puderam ser aproveitados nessa versão do filme para não fugir ao roteiro e extravasar o tempo proposto.

Nem todos os temas abordados se desenvolveram da maneira esperada, fazendo com que alguns deles fossem abandonados da versão final do filme. A maior dificuldade era fazer com que os entrevistados recordassem títulos e cenas dentro do tema. Mesmo o professor Antônio Moreno, estudioso no assunto, parecia não se recordar muito bem dos filmes na qual tinha trabalhado ou pesquisado, o que fez com que a entrevista ocorresse de forma mais lenta e não correspondesse às expectativas.

O mais importante, no entanto, foi perceber a relevância do que se estava sendo feito. Os assuntos polêmicos abordados, as discussões provocadas em função das questões levantadas no filme, as diferenças de opinião que iam de um extremo ao outro, e até mesmo os elogios vindo dos próprios entrevistados, confirmavam a relevância de traçar um caminho até então

desconhecido, comprovando que “Cinema em 7 Cores” é um filme para todos, independente de gênero ou sexualidade.

Por meio do filme pretende-se trazer mais informações sobre a cultura de uma minoria e registra a forma como a sociedade e o cinema a retratou. O mercado para filmes que abordam o gênero vem crescendo a cada dia, com mais de 300 festivais de cinema homossexual pelo mundo, como informou André Fischer. “Cinema” tem um grande potencial, pois apesar de ser focado na cinematografia nacional, aborda diversos temas universais, seja para a comunidade gay ou não. Além disso, o Brasil possui muitos pontos em comum com diversos outros cinemas mundiais, o que torna a identificação em outros países mais um atrativo.

Além disso, há uma procura maior por produtos homossexuais, vide o número crescente de revistas sobre comportamento gay. Na mídia, há uma maior visibilidade, tais as discussões sobre o beijo entre iguais na TV aberta, a cobertura da Parada Gay de São Paulo, e o programa sobre curtas gays que André Fischer apresenta no Canal Brasil. “Cinema em Sete Cores” pode suprir um vazio existente em produtos audiovisuais sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- A MORTE transparente. Direção: Carlos Hugo Christensen. Carlos Hugo Christensen Produções Cinematográficas, 1978. VHS.
- A NAVALHA na carne. Direção: Braz Chediak. Magnus Filmes, 1969. VHS.
- A PARTILHA. Direção: Daniel Filho. Lereby Produções, 2001. Dvd.
- ÁLBUM de família. Direção: Braz Chediak. Atlântida Cinematográfica, 1981. VHS.
- AMOR maldito. Direção: Adélia Sampaio. Gaivota Filmes, 1984. Canal Brasil.
- AMORES possíveis. Direção: Sandra Werneck. Cineluz Produções Cinematográficas Ltda, 2001. Dvd.
- AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. Dados de mercado. Filmes brasileiros com mais de 500 mil espectadores 1970-2006. Disponível em: http://www.ancine.gov.br/media/SAM/Filmes_nacionais_mais_de_um_milhao_espectadores_1970-2007_por_publico_260308.pdf. Acessado em abril, 2008.
- AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. Dados de mercado, Filmes lançados de 1995 até 2004 por ano e por público. Disponível em: http://www.ancine.gov.br/media/Filmes_Nacionais_Lancados_de_1995_a_2004.pdf. Acessado em abril, 2008.
- ANDRÉ a cara e a coragem. Direção: Xavier de Oliveira. Lestepe Produções Cinematográficas. VHS.
- ANDREW, J.D. *As Principais Teorias do Cinema*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2002.
- AO SUL do meu corpo. Direção: Paulo César Saraceni. Embrafilme, 1982. Canal Brasil.
- AQUELES dois. Direção: Sérgio Amon. Porto Produções, 1985. Canal Brasil.
- AS FERAS. Direção: Walter Hugo Khouri. Cinearte Produções Cinematográficas, 1995. Canal Brasil.
- AS INTIMIDADES de Analu e Fernanda. Direção: José Mizziara. Titanus Filmes, 1980. Canal Brasil.
- BARRELA: Escola de Crimes. Direção: Marco Antônio Cury. Embrafilme, 1990. VHS.
- BRIGHT, Susie. *Sexo entre mulheres: um guia irreverente*. São Paulo : Summus, 1998.
- CARANDIRU. Direção: Hector Babenco. Globo Filmes, 2003. Dvd.
- CARNAVAL no fogo. Direção: Watson Macedo. Atlântida Cinematográfica, 1949. Dvd.
- CARNAVAL Atlântida. Direção: José Carlos Burle. Atlântida Cinematográfica, 1952. Dvd.

- CAZUZA. Direção: Sandra Werneck e Walter Carvalho. Globo Filmes, 2004. Dvd.
- CONDENADAS pelo sexo. Direção: Ismar Porto. Brascran, 1972. VHS.
- ESTRANHO triângulo. Direção: Pedro Camargo. Produções Cinematográficas R. F. Farias Ltda., 1970. Canal Brasil.
- GARCIA, Wilton. *Homoerotismo e imagem no brasil*. São Paulo : U.N.Nojosa, 2004.
- GISELLE. Direção: Victor di Mello. Vydia Produções Cinematográficas, 1980. Dvd.
- JENIPAPO. Direção: Monique Gardenberg. Boku Films, 1995. Dvd.
- LEILA Diniz. Direção: Luiz Carlos Lacerda. Embrafilme, 1987. VHS.
- LEONEL, Vange. *Grrrls – Garotas Iradas*. São Paulo : Summus, 2001.
- LOPES, Denílson. “Cinema e Gênero” in MASCARELLO, Fernando (org.). *História do Cinema Mundial*. Campinas, Papyrus, 2006
- MADAME Satã. Direção: Karim Ainoüz. Videofilmes, 2002. Dvd.
- MATOU a família e foi ao cinema. Direção: Júlio Bressane. Belair Filmes, 1969. VHS.
- MEMÓRIAS do cárcere. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Embrafilme, 1984. VHS.
- MODESTO, Edith. *Vidas em arco-íris – depoimentos sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro : Record, 2006.
- MORENO, Antônio. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Rio de Janeiro : Eduff/Funarte, 2001.
- NINGUÉM vai tirar você de mim. Roberto Carlos. Rio de Janeiro: SONYBMG, 1968. 1 CD.
- O BEIJO. Direção: Flávio Tambellini. Companhia Cinematográfica Serrador, 1965. Canal Brasil.
- O MENINO e o vento. Direção: Carlos Hugo Christensen. Carlos Hugo Christensen Produções Cinematográficas, 1967. VHS.
- OS IMORAIS. Direção: Geraldo Vietri. E. C. Filmes, 1979. VHS.
- PAIVA FILHO, Antonio. *Meninas de mãos dadas – O lesbianismo no cinema*. Site Cinequon (www.cinequon.art.br), Ensaios e Pesquisas.
- PIXOTE: a lei do mais fraco. Direção: Hector Babenco. Embrafilme, 1981. VHS.
- POISON. Direção: Todd Haynes. Bronze Eye Productions, 1991. Dvd.
- REPÚBLICA dos assassinos. Direção: Miguel Faria Jr. Roma Filmes do Brasil. Canal Brasil.
- RUSSO, Vito. *The Celluloid Closet, homosexuality in the movies*. New York : Harper & Row Publishers, 1987.

SOFIA e Anita, deliciosamente impuras. Direção: Carlos Alberto Almeida. Produfilmes, 1980. VHS.

SOUZA, Claudecy de. *Homossexualidade*. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.pailegal.net/psisex.asp?rvTextoId=1121852661>. Acessado em out/2007.

TESON, Nestor Eduardo. *Fenomenologia da homossexualidade masculina*. São Paulo : EDICON, 1989.

TODA nudez será castigada. Direção: Arnaldo Jabor. Ipanema Filmes, 1973. Dvd

VERA. Direção: Sérgio Toledo. Embrafilme, 1987. Canal Brasil.

WIKHOLM, Andrew. *Biography: Karl Maria Kertbeny*. 1998. Disponível em <http://www.gayhistory.com/rev2/events/kertbeny.htm>. Acessado em nov.2007.

WRIGHT, Lionel. *The Stonewall Riots – 1969*. Socialism Today : #40, Julho, 1999. Disponível em: <http://www.socialistalternative.org/news/article18.php?id=116>. Acessado em out.2007.

APÊNDICE A:

Roteiro “Cinema em Sete Cores”, primeiro tratamento.

Roteiro "Cinema em 7 cores" (1º tratamento)

1. Abertura:

Efeito contador com o título do filme. Abre para as imagens de diversos filmes com música própria. Filmes que podem ser utilizados:

Filmes e Cenas: "Vera" (baile no reformatório), "República dos Assassinos" (os dois dançam juntos), "Leila Diniz" (clip dela), "Aqueles dois" (os dois dançam juntos), "Ao sul do meu corpo" (cena final), "Ópera do Malandro" (entrada da Geni), "A estrela sobe" (elas dançam junto), "A Rainha Diaba" (última festa), "Cazuza" (uma cena dele cantando), "A Partilha" (Paloma Duarte diz que cola velcro), "Madame Satã" (Lázaro se traveste), "Matou a Família e foi ao cinema" (cena da banheira), "Navalha na carne" (Emiliano dizendo que gosta do nome), "Giselle" (as duas passeando de braços dados), "O beijo do asfalto" (Ney chega em casa e vê o muro pichado), "A Casa assassinada" (o irmão travestido conversando com Miss Bengell), "Noite Vazia" (cena do quase beijo), "O menino e o vento" (cena do abraço).

2. Introdução:

Mesclar entrevistas que apresentem o tema do nosso filme. Respostas de pessoas variadas que reforcem a relação entre cinema e homossexualidade: qual a relevância dessa representação para os gays e para a sociedade em geral, a identificação com o que é visto na tela, a influência do cinema na maneira de pensar, cinema como representação da verdade e do real, como se definir gay na sociedade brasileira.

Filmes e cenas: Leila Diniz dando entrevista sobre amor livre, no "Aqueles Dois", eles se demitindo por serem acusados de serem gays, "O menino e o vento" a cidade xingando o protagonista por ele ser gay, "A Partilha", Paloma Duarte saindo do armário.

1) Qual é a relação entre cinema e o real?

2) Qual a relevância de sua identificação com o que é mostrado na tela, pra você e pra sociedade?

3) Qual sua opinião em relação a questão cinema gera preconceito na sociedade, e vice-versa?

4) Como a imagem e a "integração" do gay evoluiu dentro da sociedade?

3. Fase Inicial com musicais da Atlântida e Oscarito

Questão do gay assexuado, meramente como alívio cômico. A censura nesse momento é moral, não oficial.

Filmes e Cenas: "Os dois ladrões", cena do espelho com a Eva Todor; "Carnaval de fogo", cena em que Oscarito interpreta Romeu e Grande Otelo interpreta Julieta; "Carnaval Atlântida", cena em que Oscarito se traveste de Helena de Tróia.

Entrevistados: Antônio Moreno, Denílson Lopes, Luiz Carlos Lacerda.

- 1) Como foi a primeira abordagem do gay no cinema brasileiro?
- 2) Qual o impacto do Oscarito e do humor "gay-travestido" da Atlântida?
- 3) O personagem assexuado, de alívio cômico, que não "incomoda". Qual a relação com a sociedade?

4. Problemas de gênero

Comentar o caso da Noite Vazia por dois motivos: Causou furor em Cannes e aborda a questão do sexo entre mulheres excitar a platéia masculina heterossexual, e não incomodar tanto quanto o sexo entre homens.

Filmes e Cenas: "Noite Vazia", cena em que Norma Bengell diz que não consegue ter relações com Odete Lara, cena em que ela questiona a excitação do homem por duas mulheres transando.

Entrevistados: Antônio Moreno, Denílson Lopes, Norma Bengell, Luiz Carlos Lacerda.

- 1) O filme brasileiro Noite Vazia que aborda o tema teve repercussão internacional. O que mais te chamou atenção sobre esse filme?
- 2) Porque os homens se excitam ao ver duas mulheres juntas?
- 3) E porque dois homens juntos incomodam tanto, provocam tanta rejeição?

5. "O Menino e o Vento" e a homossexualidade sublimada

"O menino e o vento", primeiro filme centrado na homossexualidade, mesmo que bastante sublimado. Outros filmes bastante sublimados: "Ao Sul do meu corpo" e "Aqueles Dois".

Filmes e cenas: "Menino e o vento", cena do tribunal, conversa com o advogado, e cena em que menino tira a roupa e abraça o protagonista. Cenas de "Aqueles Dois" e "Ao Sul do meu corpo".

Entrevistados: Antônio Moreno, Denílson Lopes, Luiz Carlos Lacerda.

1) Qual a importância do filme "O menino e o vento", sendo um dos primeiros filmes a trabalhar a questão do gay e do preconceito social?

2) Filmes como o próprio "O Menino e o vento", "Aqueles Dois" e "Ao Sul do Meu Corpo", nunca efetivamente confirmam a homossexualidade de seus personagens. Por que essa escolha pelo subtexto?

6. Cinema e Censura

Influência da ditadura na produção, Como a abordagem dos personagens homossexuais mudou? Contradição da censura com o aumento de personagens homossexuais. E as consequências da ditadura pro movimento gay

1) Como a abordagem do personagem homossexual mudou a partir do AI-5?

2) Existe uma contradição na instauração da censura e o crescimento de personagens gays no cinema. Por quê?

3) Qual o impacto da ditadura no movimento gay?

7. Pornochanchadas

Filmes e cenas: "Ariella", cena de sexo na mesa de bilhar; "Giselle", cena de sexo entre os homens, cena da madrasta com ciúmes; "Sofía e Anita, deliciosamente impuras", "Soninha toda pura", "Internato de meninas virgens".

Entrevistas: Moreno, Denílson Lopes, Cristiane Torloni, Victor Di Mello, Carlo Mossy e David Cardoso.

- 1) Porque os homens se excitam ao ver duas mulheres juntas?
- 2) E porque dois homens juntos incomodam tanto, provocam tanta rejeição?

8. A Piada do Gay

Filmes e cenas: "Os Machões", cena que descobrem que o travesti é um homem, cena final quando Erasmo Carlos descobre que não é gay.

Entrevistas: Moreno, Denílson Lopes, Reginaldo Faria.

- 1) Outra maneira de trazer o gay para o cinema foi através da "comédia". Essa abordagem é prejudicial? Ou visibilidade a qualquer custo?
- 2) Por que o homem travestido ou afeminado é engraçado?

9. Filmes experimentais com uma abordagem mais artística

Filmes e cenas: "Matou a família e foi ao cinema", cena da banheira, cena que elas se matam, cena das flores, cena que matam a mãe, meninas de mãos dadas com uniforme de colégio; "Navalha na carne", cena em que Jece Valadão bate em Emiliano Queiroz, cena de sexo masculino, e cena em que Jece Valadão dá em cima de Emiliano Queiroz.

Entrevistas: Moreno, Denílson Lopes, Julio Bressane, Emiliano Queiroz, Renata Sorrah.

- 1) Qual o impacto que filmes experimentais como "Navalha na Carne" e "Matou a Família e foi ao Cinema" provocou no público? Qual foi a reação a esses filmes?
- 2) Esses filmes trouxeram cenas como a de sexo homossexual masculino, de afeição entre mulheres sem ser direcionado ao prazer do público masculino heterossexual, e também a sexualidade não tão "fechada" (Jece Valadão e Veludo), tudo que era evitado na época. Que portas se abriram a partir dessas inovações?

10. Gays Marginalizados

Filmes e Cenas: "A Rainha Diaba", cena em que ele discute quem deu as drogas, cena da sedução de Stephan que mata a Rainha. "República dos Assassinos", cena do assalto; "Toda Nudez será

castigada", cena do gay no bordel; cenas de "O Casamento"; "A Casa Assassinada", cena em que falam que ele n sai do quarto.

Entrevistas: Moreno, Denílson Lopes, Tônico Pereira, Emiliano Queiroz, Antônio Carlos da Fontoura, Milton Gonçalves, José Silvério Trevisan.

1) Qual é o papel do gay marginalizado dentro do cinema brasileiro?

2) Você considera que o gay marginalizado foi uma visão pejorativa ou apenas a inclusão deste dentro do contexto dos filmes?

3) Surgiu dessa fase o estereótipo de que o gay é uma figura do submundo, que caráter duvidoso? Se sim, como se deu essa formação?

11. A homossexualidade como uma etapa para ascender socialmente

Filmes e Cenas: "A estrela sobe", cena da dança das duas, e cena da banheira.

Entrevistas: Moreno, Denílson Lopes, Bruno Barreto, Betty Faria.

1) Em "A Estrela Sobe", "André, a cara e a coragem", entre outros, abordam o gay de uma forma diferente. Como você acha que essa forma influenciou na maneira da sociedade ver o homossexual?

12. Lésbicas psicóticas

Filmes e Cenas: "A intimidade de Analu e Fernanda", cena romântica entre elas, cena da ameaça com o canivete, e cena da morte de uma delas.

Entrevistas: Antônio Moreno, Luiz Carlos Lacerda, Denílson Lopes, Vange Leonel.

1) Que função a imagem de lésbicas perigosas, assassinas, psicóticas cumpriu dentro do cinema nacional?

13. Homossexualidade em debate nos filmes

A transição para uma abordagem mais humana, mais real. O gay menos marginalizado e sim alguém de qualquer classe social

Filmes e Cenas: "O Beijo no Asfalto", cenas dos dois beijos, cena de discussão do pai com a filha; "Aqueles dois", cena em que os dois debatem o fato de estarem sendo acusados de serem gays; "Leila Diniz", cena em que Bigode apresenta o namorado; "Pixote", cena quando morre o namorado de Lilica, cena em que Lilica fica com o namorado; "Anjos do Arrabalde", cena final em que as duas conversam na mesa, cena em que Betty Faria sai no quarto e a outra fica na cama; "A menina do lado", cena de conversa na praia.

Entrevistas: Bruno Barreto, Ana Beatriz Nogueira, Sérgio Amon, Sérgio Toledo, Hector Babenco, Sérgio Mamberti, , Betty Faria, Antônio Moreno, Luiz Carlos Lacerda, Denílson Lopes, Vange Leonel, André Fischer.

- 1) Quando foi que a homossexualidade passou a ser de um sub-enredo ao tema principal?
- 2) Que filmes fizeram isso da melhor forma? Como o fizeram?
- 3) O que a sociedade tirou desses filmes?
- 4) O que mudou pro movimento gay?
- 5) Mais do que a homossexualidade, "Leila Diniz" prega o amor livre, sem preconceitos. Qual a importância e a repercussão de ter um ícone nacional afirmando isso publicamente?
- 6) Qual a relação entre homossexualidade, heterossexualidade e a liberdade sexual?

14. "Vera"

Filmes e cenas: "Vera", cena da cama entre Vera e a mulher em que ela não quer tirar a roupa, discussão entre Vera e Raul Cortez;

Entrevistados: Ana Beatriz Nogueira, Sérgio Toledo, Antônio Moreno, Luiz Carlos Lacerda, Denílson Lopes, Vange Leonel.

1) "Vera" aborda um tema muito difícil e raro no cinema brasileiro e mundial, que são os transgêneros. Você acredita que a personagem é lésbica ou transexual?

2) Qual o diferencial da abordagem de "Vera"?

3) "Vera" chamou a atenção, ganhou o Urso de Prata. Que tipo de sentimentos Vera provocou no público e o que representou pro movimento gay no Brasil?

15. Cinema Pós Retomada

Gays sendo mais aceitos. Influência das novelas. Gay ser visto como mercado consumidor. Festival Mix Brasil. Número reduzido de lésbicas no cinema atual. Personagens homossexuais nos filmes maiores, de boa bilheteria.

Filmes e cenas: "Carandiru", cena do casamento, e final quando dizem que não foram mortos devido ao amor deles; "Amores Possíveis", cena em que ele volta com o parceiro; "Madame Satã", cena de sexo, ele assistindo Renata Sorrah, dublando; "A Partilha", cena na íntegra dela saindo do armário; "Cazuza", cena dele com outro homem na casa, cena que ele descobre que tem Aids; "O céu de suely", cena que ela diz que quer ver a outra de biquíni; "Antônia", cena em que o gay aparece todo machucado e o outro morto.

Entrevistas: Karin Ainouz, Walter Carvalho, Lázaro Ramos, Tatá Amaral, Daniel de Oliveira, Hector Babendo, Marcelo Gomes, Douglas Dwight, Lucinha Araújo, Jean, Antônio Moreno, André Fischer, Trevisan, Denílson Lopes, Vange Leonel.

APÊNDICE B:

Roteiro “Cinema em Sete Cores”, segundo tratamento.

Roteiro "Cinema em 7 cores" (2º tratamento)

1. Abertura:

Abre com imagens de forte apelo visual e de dança e canto ao som de "Ninguém vai tirar você de mim", de Roberto Carlos. Cenas a serem utilizadas:

Cenas: "Vera" (dublagem na boate), "República dos Assassinos" (os dois dançam juntos), "Cazuza" (cantando em show), "Madame Satã" (Dançando com o personagem de Emiliano Queiroz, comemoração da saída da cadeia, e show travestido), "Matou a Família e foi ao cinema" (elas dançando e Renata Sorrah na bateria), "Giselle" (beijo entre 2 homens e uma mulher), "O beijo no asfalto" (cena final), "Karina, objeto de prazer" (cena da praia), "Mulher Objeto" (mulheres dançando na boate), "Ariella" (beijo na chuva), "For All - Trampolim da Vitória" (homens dançando de toalha), "As Feras" (dança entre Monique Lafond e Lúcia Veríssimo), "Amor Maldito" (final no cemitério)

2. Introdução:

Mesclar entrevistas que apresentem o tema do nosso filme. Respostas de pessoas variadas que reforcem a relação entre cinema e homossexualidade: qual a relevância dessa representação para os gays e para a sociedade em geral, a identificação com o que é visto na tela, a influência do cinema na maneira de pensar, e cinema como representação da verdade e do real.

1) Qual é a relação entre cinema e o real?

2) Qual a relevância de sua identificação com o que é mostrado na tela, para você e para sociedade?

3. Fase Inicial: Chanchadas, Oscarito e Grande Otelo

Como surgiram as primeiras representações do personagem homossexual. A função desse travestimento dentro da sociedade, e a questão do gay assexuado, meramente como alívio cômico.

Cenas: "Os dois ladrões" (Eva Todor e Oscarito); "Carnaval de fogo" (Oscarito interpreta Romeu e Grande Otelo interpreta Julieta); "Assim era a Atlântida" (Beijo entre Oscarito e Grande Otelo)

1) Como foi a primeira abordagem do gay no cinema brasileiro?

2) Qual o impacto do Oscarito e do humor "gay-travestido" da Atlântida?

3) O personagem assexuado, de alívio cômico, que não "incomoda". Qual a relação que isso tem com a sociedade?

4. "Matou a Família e foi ao Cinema" (1969) e "A Navalha na Carne" (1969)

Ressaltar a importância desses dois filmes como marcos na cinematografia gay brasileira e na história GLBTT.

Cenas: "Matou..." (mãos dadas na cama, flores e banheira). "A Navalha..." (cena da maconha).

1) Qual o impacto que filmes experimentais como "Navalha na Carne" e "Matou a Família e foi ao Cinema" provocou no público? Qual foi a reação a esses filmes?

2) Esses filmes trouxeram cenas como a de sexo homossexual masculino, de afeição entre mulheres sem ser direcionado ao prazer do público masculino heterossexual, e também a sexualidade não tão "fechada" (Jece Valadão e Veludo), tudo que era evitado na época. Que portas se abriram a partir dessas inovações?

5. Gays Marginalizados

Abordar o espaço que se abriu para o homossexual dentro do universo do submundo e o impacto dessa representação na construção do preconceito e da imagem estereotipada do gay em meio à sociedade.

Cenas: "A Rainha Diaba" (Diaba se olha no espelho e tortura da personagem de Odete Lara); "República dos Assassinos" (beijo na sacada, casal na praça e dublagem da música de Elba Ramalho); "A Casa Assassinada" (Thimóteo travestido e depois na janela); "Pixote" (Lilica dançando e morte do namorado)

1) Qual é o papel do gay marginalizado dentro do cinema brasileiro?

2) Você considera que o gay marginalizado foi uma visão pejorativa ou apenas a inclusão deste dentro do contexto dos filmes?

3) Surgiu dessa fase o estereótipo de que o gay é uma figura do submundo, que caráter duvidoso? Se sim, como se deu essa formação?

6. Homossexualidade como ascensão social

Uso da prática homossexual como pura perversão, sendo utilizada como ascensão social.

Cenas: "Estranho Triângulo" (jovem vai ao apartamento); "André a cara e a coragem" (almoço e fazendo a cama).

- 1) Como se deu a abordagem da homossexualidade como ascensão social? E qual sua opinião sobre tal?
- 2) Quais as conseqüências desse tratamento?

7. Pornochanchadas

Abordagem do gay masculino como uma caricatura carnavalesca e da lésbica como um objeto de prazer para excitar platéias heterossexuais masculinas.

Cenas: "Os Machões" (eles aprendem a se portar como cabelereiros gays); "Giselle" (Monique Lafond com Alba Valéria, Carlo Mossy com Ricardo Faria, e famosa cena das duas na floresta)

- 1) Outra maneira de trazer o gay para o cinema foi através da "comédia". Essa abordagem é prejudicial? Ou visibilidade a qualquer custo?
- 2) Por que o homem travestido ou afeminado é engraçado?
- 3) Porque os homens se excitam ao ver duas mulheres juntas?
- 4) E porque dois homens juntos incomodam tanto, provocam tanta rejeição?

8. "Vera" e o começo de uma abordagem mais humana

A importância do filme Vera dentro da cinematografia gay, sendo ela a primeira transexual feminina, retratada de uma maneira humana e respeitosa. Sua influência para uma nova abordagem.

Cenas: Vera e Clara passeiam pelo parque; sua conversa com o personagem de Raul Cortez onde diz ser "outra coisa", e a cena final da menstruação.

- 1) "Vera" aborda um tema muito difícil e raro no cinema brasileiro e mundial, que são os transgêneros. Você acredita que a personagem é lésbica ou transexual?
- 2) Qual o diferencial da abordagem de "Vera"?
- 3) "Vera" chamou a atenção, ganhou o Urso de Prata. Que tipo de sentimentos Vera provocou no público e o que representou pro movimento gay no Brasil?

9. Cinema Pós Retomada

Gays sendo mais aceitos, a influência das novelas na sociedade brasileira, o homossexual como mercado consumidor, Festival Mix Brasil, o porque da redução de lésbicas no cinema atual e filmes como Madame Satã, Amores Possíveis e Cazuza.

Cenas: "Carandiru" (cena do casamento); "Amores Possíveis" (os dois na cama, briga e cena final); "Madame Satã" (sexo, ele assistindo Renata Sorrah, dublando); "Cazuza" (Poema na cozinha, ele descobre que tem Aids)

- 1) Quando foi que a homossexualidade passou a ser de um sub-enredo ao tema principal?
- 2) Que filmes fizeram isso da melhor forma? Como o fizeram?
- 3) O que a sociedade tirou desses filmes?
- 4) O que mudou? O que ainda precisa mudar?

APÊNDICE C:

Lista de possíveis entrevistados.

ENTREVISTADOS	
Alberto Salvá	Diretor de "A menina do lado"
Ana Beatriz Nogueira	Atriz de "Vera"
André Fischer	Personalidade gay
Antonio Moreno	Autor do livro "Personagem Homossexual no cinema brasileiro"
Beto Ruas/Pedro Wayne	Ator de "Aqueles Dois"
Betty Faria	Atriz de "Anjos do Arrabalde" e "A estrela sobe"
Cristiane Torloni	Atriz de "Ariella", "O Beijo no Asfalto" e "Cinema de Lágrimas"
Daniel de Oliveira	Ator de "Cazuza"
Diogo Vilela	Interpretou Luiz Carlos Lacerda no filme "Leila Diniz"
Doc Comparato	Roteirista de "O Beijo no Asfalto"
Emiliano Queiroz	Ator de "Navalha na Carne" e "Dois perdidos numa noite seja"
Erasmus Carlos	Ator de "Os Machões"
Eva Todor	Atriz de "Os dois Ladrões", famosa cena com Oscarito.
Hector Babenco	Diretor de "Carandiru" e "Pixote - a lei do mais fraco"
Jean (BBB)	Personalidade gay
Jorge Fernando	Diretor de "Sexo, amor e traição"
Júlio Bressane	Diretor de "Matou a família e foi ao cinema"
Karim Ainouz	Diretor de "Madame Satã" e "O Céu de Suely"

Lázaro Ramos	Ator de "Madame Satã"
Louise Cardoso	Atriz de "Leila Diniz" e "Matou a família e foi ao cinema"
Lucélia Santos	Atriz de "Álbum de Família" e "Engraçadinha"
Lucinha Araújo	Autora de "Todas as mães vão pro céu"
Luiz Carlos Lacerda	Diretor de "Leila Diniz", "For All", e curta gay
Luiz Carlos Torinho	Ator de "For All"
Luiz Fernando Ianelli	Ator de "O menino e o vento" e "Anjos e Demônios"
Marcos Palmeira	Ator de "Leila Diniz" e "Como ser solteiro"
Mateus Nastergali	Ator de "Amarelo Manga"
Miguel Falabela	Ator de "A dama do Cine Shangai"
Milton Gonçalves	Ator de "Rainha Diaba",
Murilo Benício	Ator de "Amores Possíveis"
Norma Bengell	Atriz de "Noites Vazias" e "Casa Assassinada"
Paloma Duarte	Atriz de "A Partilha"
Reginaldo Farias	Ator de "A menina do lado" e diretor de "Os Machões"
Renata Sorrah	Atriz de "Matou a família e foi ao cinema" e "Madame Satã"
Rodrigo Santoro	Ator de "Carandiru"
Rogéria	Personalidade gay e atriz em "O Sexualista"
Ruy Guerra	Diretor de "Ópera do Malandro"
Sandra Werneck	Diretora de "Amores Possíveis" e "Cazuza"
Sergio Amon	Diretor e roteirista de "Aqueles dois"

Sérgio Mamberti	Ator de "A menina do lado"
Stephan Nercessian	Ator de "André - a cara e a coragem", "A Rainha Diaba"
Tonico Pereira/Anselmo Vasconcelos	Ator de "República dos Assassinos"
Vange Leonel	Autora de livros lésbicos, colunista da Folha (GLS)
Yoná Magalhães	Atriz de "Deus e o Diabo na Terra do Sol"
Desilson Lopes	Professor da ECO.
João Luiz Vieira	Professor da UFF
João Silvério Trevisan	Autor de "Devassos no Paraíso"